

JORNALISMO COLABORATIVO E EDUCOMUNICAÇÃO: OS PILARES DE UMA EXPERIÊNCIA JORNALÍSTICO-FORMATIVA NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE

Eixo 1: Informação, Desenvolvimento e Sociedade

Verusa Pinho¹
Ricardo Amorim²
Lucemberg Oliveira³

RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa em andamento sobre a (In)Formação Crítica na e para a Diversidade a partir da relação entre Educomunicação e Jornalismo Colaborativo, tendo como base o potencial formativo de conteúdos noticiosos. Consideramos os saberes desses campos propulsores da reflexão, criticidade e prática da cidadania, zona de sociabilidade e integração. Viabilizado por meio de pesquisa-ação colaborativa, que inclui a realização de oficinas formativas com educadores e comunicadores de ambientes distintos, propõe-se o Portal da EduColaborAção, fonte de interação e consulta, a fim de compartilhar materiais relacionados às temáticas em questão e produzidos durante o percurso investigativo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Colaborativo; Educomunicação; TICs; (In)Formação Crítica; Diversidade

ABSTRACT

This article presents an ongoing research on Critical (In)Formation in and for Diversity through the relationship between Educommunication and Collaborative Journalism, based on the formative potential of news content. We consider the knowledge of these fields propellants of reflection, criticality and practice of citizenship, zone of sociability and integration. Being feasible through collaborative action research, which includes the realization of training workshops with educators and communicators from different environments, the EduColaborAção Portal is proposed, a source of interaction and consultation, in order to share materials related to the themes in question and produced during the investigative course.

KEYWORDS: Collaborative Journalism; Educommunication; TICs; (In)Critical Formation; Diversity

¹ Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo em Multimeios e Especialista em Ensino da Comunicação, ambos pela Uneb - Campus III. Integra a equipe de jornalismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). Aluna regular do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED/Uneb, Jacobina - BA) e membro do Grupo de Pesquisa em Cultura Visual, Educação e Linguagem (Cult-Vi). E-mail: verusapinho@gmail.com.

² Doutor em Eletrônica e Computação pela Universidad de Santiago de Compostela - revalidado como Ciência da Computação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Membro do Grupo de Pesquisa Cult-Vi. Atualmente é professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia e titular da Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina (Facape). E-mail: amorim.ricardo@gmail.com

³ Licenciado em História (Unopar) e Especialista, pela mesma instituição, em EaD e Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura, além de Docência no Ensino Superior Presencial e EaD pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias. É professor da Educação Básica e mestrando do MPE/Uneb, bem como Membro e Secretário do Grupo de Pesquisa Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos (Difeba)/Uneb, Campus IV). E-mail: lucembergdo@gmail.com

1 Introdução

Na contemporaneidade, os princípios e as práticas da Educomunicação e do Jornalismo Colaborativo ainda se encontram em fase de maturação. No entanto, para o contexto dos ambientes formativos/educacionais (sejam eles formais, não formais e informais), esses dois campos de conhecimento podem lançar novos olhares sobre a postura e a atuação de educadores, comunicadores e educandos. Na conjuntura em questão, acredita-se que o perfil, tanto docente quanto jornalístico, aproxima-se muito mais do educador⁴, devendo ultrapassar a função primária de transmitir saberes/informações (caráter instrumental/tecnicista⁵) para estimular reflexões em prol da transformação social.

A proposta de uma Educação Comunicacional e de uma Comunicação Educativa não é necessária apenas no âmbito científico-acadêmico, mas o próprio cenário contemporâneo suscita o desenvolvimento de uma inteligência convergente, ao pressupor a formação de seres humanos cada vez mais atentos às questões de ordem social, histórica, política, cultural, ética, dentre outras. “Novos trabalhos nesse campo do conhecimento convidam pesquisadores a realizar ações científicas que aproximem a essência formativa da Educação à natureza informativa da Comunicação”⁶.

Realizar um trabalho jornalístico guiado pela perspectiva “educolaborativa” como proposta de pesquisa de mestrado, viabilizada através de curso de extensão oferecido em parceria com o Grupo de Pesquisa em Cultura Visual, Educação e Linguagem (Cult-vi), instituiu-se, então, no desafio da proposta aqui descrita, a fim de estabelecer princípios norteadores de uma práxis jornalística ressignificada para formadores de opinião em diversos espaços. Logo, a relevância do estudo está no aprofundamento do debate a respeito da relação

⁴ Foi Kaplún quem primeiro usou o termo “educador”, percebendo nas ações educativas os eixos comunicativos necessários. Para esse professor, pesquisador e comunicador prático a Educação comunicante, autogestora, dialógica e multidirecional pode gerar indivíduos mais capazes de pensar o mundo, com o propósito de favorecer um legado de justiça social às futuras gerações.

⁵ No campo do Jornalismo, refere-se à produção de conteúdos noticiosos superficiais e descontextualizados, diante do famoso *dead line*, tempo reduzido que os profissionais dispõem para concluir a escrita. Dessa maneira, o aprofundamento dos fatos e a crítica sobre suas consequências/implicações ficam a desejar. Segundo Barroso (in APARICI, 2014, p. 232), o conteúdo informativo não é o mais importante, mas sua função social.

⁶ XAVIER; NASCIMENTO, s.d., p. 34.

entre Educação, Comunicação, Cultura e TICs⁷, na tentativa de responder ao seguinte questionamento:

De que forma o Jornalismo “Educolaborativo” pode contribuir com os processos de ensino/aprendizagem, com base na (In)Formação Crítica na e para a Diversidade?

Dessa maneira, a presente proposta será viabilizada por meio de pesquisa-ação colaborativa, que inclui a realização de oficinas formativas para produção de uma série de conteúdos noticiosos de gêneros distintos, com destaque para reportagens especiais, a partir de pautas sugeridas e desenvolvidas com e pelos parceiros da pesquisa. No decorrer do processo - trabalho de campo -, organizar-se-á o *Portal da EduColaborAção*, fonte de interação e consulta, a fim de compartilhar tanto os bastidores (passo a passo) do percurso investigativo, conceitos e indicações de leitura relacionadas à temática quanto as produções elaboradas e sua repercussão, partindo dos próprios ambientes formativos dos colaboradores para o contexto macrossocial.

2 Jornalismo Colaborativo & TICs

A *internet* e a subsequente emergência do ciberjornalismo proporcionou a exploração de novos territórios e diferentes linguagens. No universo jornalístico, as TICs vêm transformando o próprio fazer da profissão, que se torna mais fluido e multifacetado, ponto de partida para o debate, de onde novos campos se abrem. Vê-se, pois, a emergência de um jornalismo multiperspectivista, mais amplo e dinâmico, interativo e participativo.

De leitores e fontes de informação a colaboradores na produção de conteúdos noticiosos, os cidadãos se apropriam das peculiaridades da cibercultura, ressignificando conteúdos. Nesse viés, a notícia se torna fonte elementar de conhecimento. A cooperação está na base deste novo espaço antropológico e se revela estratégia adequada para implementar a inteligência distribuída em rede, na qual impera o engendramento de novas relações, que envolvem o computador como suporte, ferramenta e meio de disseminação, ao mesmo tempo.

⁷ Para Lèvy (1990, 1993, 1997 apud MARTÍN-BARBERO, 2014), tais tecnologias, mais que instrumentos de difusão, são *intelectuais*, ou seja, estamos diante de uma *inteligência coletiva* que emerge dos modos colaborativos de produzir conhecimento incentivados pelas redes digitais. Vale ressaltar o caráter intuitivo, atrativo, conectivo e portátil desses meios.

Para Lemos (2006)⁸, há a “liberação do polo emissor”, na qual a comunicação segue várias direções, diferentemente dos meios massivos, como rádio e televisão, com o fluxo comunicacional “de muitos-para-muitos”, em que a informação pode ser acessada e compartilhada através de múltiplos dispositivos. De acordo com Freire e Guimarães (2011)⁹, a apropriação dos meios de comunicação (analógicos ou digitais) para fins de ensino-aprendizagem é perfeitamente possível e benéfica. Porém, requer planejamento para que possa, de fato, ser útil e diferenciada, alternativa para renovação de metodologias. Segundo os autores, essa percepção é reconfigurada com a chegada das TICs.

Nas palavras de Thompson (2002), a mídia tem uma “ação responsiva conjunta”. Como espaço privilegiado de possibilidades de aprendizado, os meios de comunicação se caracterizam em novo espaço do saber, ocupando parte do lugar que antes era destinado apenas à escola. Na era das tecnologias da informação e comunicação, os *media* estão, constantemente, nos espaços formativos, constituindo-se em componente pedagógico. Soares (2011), afirma que Educação é ação comunicativa, uma vez que a Comunicação se configura como um fenômeno presente em todos os modos de formação humana e, sob a mesma orientação, toda ação comunicativa tem, potencialmente, uma direção educativa.

Segundo Batista (2007), a comunicação dialógica proposta por Freire seria o par ideal das tecnologias no ambiente escolar. Para Mario Kaplún (apud CITELLI; COSTA, 2011, p. 75-76), a Comunicação Educativa ou “Educomunicação” transcende a mídia, enquanto instrumento/técnica, sendo um paradigma transversal e interdiscursivo de ações transformadoras que repercutem na dinâmica social e requer vivências processuais (SOARES, 2011). Assim, configura-se em via de mão dupla: educação para e por meio da mídia, envolvendo teoria e ação (práxis), fluxos e mediações.

Dentre os marcos internacionais desse debate, está a década de 1980, quando a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco)¹⁰ designou uma

⁸ apud SAAR; VOLTOLINI, 2016.

⁹ apud idem, ibidem.

¹⁰ A mesma instituição foi responsável por diversas outras ações que contribuíram para enriquecer o novo campo, como a Conferência Internacional “Educando para as mídias e para a era digital”, que ocorreu em Viena, em 1999, ao lado da publicação, em 2013, do manual *Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores* (PEDROZA; MOREIRA, 2014). A Unesco anunciou, ainda, uma “Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação”, conhecida pela sigla Nomic, associando a Comunicação à Educação, Ciência e Cultura, bem como à noção de desenvolvimento e políticas sociais. Para Soares (in APARICI, 2014), a força do pensamento latino-americano no campo da Comunicação para o Desenvolvimento, com ênfase no

prática genericamente definida na Europa como *Media Education* - Educação para recepção crítica dos meios de comunicação. Ao citar o jornalista americano Robert Ezra Park, que também foi professor de sociologia na Universidade de Chicago, Soares (2003) assinala que “a notícia é uma das formas mais elementares de conhecimento”. Compreendendo a notícia como construção social, Gaye Tuchman (1983 apud idem, ibidem) a considera “uma janela para o mundo”.

Relacionada às competências e habilidades requeridas para o desenvolvimento independente e consciente do cidadão no novo entorno comunicacional - digital, global e multimídia - da sociedade da informação, ou do conhecimento, a “alfabetização midiática”¹¹ se aproxima do Jornalismo Colaborativo, ao considerar diversas linguagens e experiências comunicativas (conteúdos gerados por usuários - CGUs), incentivando o empoderamento e a participação ativa dos sujeitos. Guia-se, assim, por princípios educomunicadores.

3 Educomunicação para além do 2.0

A comunicação na educação transcende o uso dos meios no ensino, abarcando o trabalho do educador e do educando. “Uma revolução tecnológica sem uma revolução pedagógica que lhe dê sentido não chega muito longe”, afirma Prieto Castillo (in APARICI, 2014, pág. 52). Para além da questão tecnológica, o ciberespaço põe em evidência dimensões metodológicas, pedagógicas e ideológicas, especialmente, com o advento da web. 2.0, que ampliou os conceitos de comunicação democrática, participação e colaboração, dialogando, diretamente, com os ideais educomunicativos. Com as tecnologias digitais, todos podemos ser interagentes.

planejamento participativo, exerceu profunda incidência no conceito da Educomunicação com a gestão de processos comunicativos. Uma das instituições com maior legado nesse sentido foi o Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação (Ciespal), com sede em Quito, Equador.

¹¹ Na obra *Educomunicação para além do 2.0* (vide Referências), Barroso recorre a Henry Jenkins, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, quando alude às novas, ou pós-modernas, e múltiplas alfabetizações, indicando a importância das habilidades sociais além das competências individuais. Classificamos a midiática, também chamada de digital e multimídia, como uma delas, destacando sua relevância para a leitura crítica de mundo, por meio do aprofundamento da capacidade de pesquisa, discernimento, elaboração e compartilhamento de conteúdos e propostas, mantendo o distanciamento necessário para sua própria análise (VELASCO in idem, ibidem). Inspirado no contexto hispânico, o termo associa-se, no Brasil, ao “letramento”; na tradição europeia, à *media education*, enquanto que, para os norte-americanos, *media literacy*.

Soares (2011) e a equipe do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP) entendem que Educomunicação é filosofia, metodologia e campo de implementação de políticas de Comunicação Educativa, tendo como objetivo geral o planejamento, a criação e o desenvolvimento de ecossistemas comunicativos sob uso das TICs¹², formando sujeitos de mente criativa e crítica, aptos a se adaptar a conhecimentos em mutação (KAPLÚN, 1998).

Numa sociedade imagética e tecnológica, em que os estímulos dos *media* dominam o cotidiano da escola e da sociedade, mais do que nunca é essencial a atuação conjunta de comunicadores e educadores (CALDAS; CAMARGO, 2013). Na opinião das autoras, o uso da mídia na escola pode contribuir efetivamente para a releitura do mundo, considerando o aprendizado um ato político-cultural. Para elas, o desafio atual é repensar o processo educativo com os saberes advindos da interface comunicacional. “Aprender sobre o mundo editado pela mídia, ler além das aparências e compreender a polifonia presente nos enunciados da narrativa jornalística não é tarefa fácil, mas desejável para a leitura crítica da mídia” (CALDAS, 2006, p.122 apud idem, ibidem).

É necessário à escola, pois, acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questione as formas institucionais, mentalidades e a cultura dos sistemas tradicionais, sobretudo, os papéis de professor e aluno (LÈVY, 1999). Ou seja: antes mesmo de a tecnologia adentrar na sala de aula, é preciso mudar o modelo de comunicação do sistema escolar: da verticalidade para a horizontalidade, levando em conta as peculiaridades do sistema sociotécnico, marcado pela permanente interação entre indivíduos e tecnologias, bem como pela interdependência das inovações tecnológicas com processos sociais variados.

Tanto o sistema educacional como as comunicações sociais atravessam o século XX envolvidos em sérias e constantes mutações. Seja em decorrência de processos tecnológicos de acelerada invenção, seja em função de modificações políticas, sociais e econômicas outras, os dois sistemas apresentam um processo de ‘reconstrução permanente’, que impede o recurso a procedimentos sedimentados na prática e na teoria. Assim, mais ainda que em cada um dos campos específicos, a interface deles é espaço de experimentação e risco (BRAGA; CALAZANS, 2001, p.11).

¹² Segundo Martín-Barbero (2014), as tecnologias se tornaram, sobretudo para os mais jovens, lugares de desenvolvimento pessoal, que, mesmo ambíguos e contraditórios, promovem o “estar junto” e a capacidade de expressão.

Diante disso, o desafio que se apresenta está em construir esse perfil de jornalistas-articuladores enquanto sujeitos ativos do processo educomunicativo em seus ambientes formativos. Mais uma vez, o trabalho colaborativo entre educadores, educandos e profissionais de Comunicação torna-se fundamental e indispensável para a construção de competências conjuntas que caminhem a favor de um entendimento crítico da importância de projetos transformadores na sociedade.

4 Jornalismo “Educolaborativo”: O Passo a Passo da Experiência

Para McLuhan, o globo já não é mais do que uma vila, uma verdadeira aldeia¹³. Na opinião do pesquisador australiano Bruns (apud SÁES NETO, 2016), graças à tecnologia o público seria integrado aos processos de elaboração, edição e difusão de conteúdo. A emergência da *internet*¹⁴ estimulou ainda mais esse novo olhar. Com o objetivo de propor uma nova concepção ao modelo hierarquizado e controlado do *gatekeeping*¹⁵, anunciado pelo estadunidense David White (1950), Bruns apresenta o modelo do *gatewatching*¹⁶, no qual as estruturas hierárquicas dão lugar a um modelo aberto e participativo, por meio dos *producers* (*producers*/produtores + *users*/usuários), sob uma lógica não linear, participativa e desconcentrada.

¹³ 1968 apud ANDRIJIC, 2013. Para Ianni (1995, pág. 101 apud SOARES, 1996), vivemos numa desterritorialização, na qual se deslocam espaço e tempo. Nesse processo contraditório, os grupos adquirem distintas possibilidades de se desenvolverem e se expressarem, recriam-se, libertando horizontes, sob múltiplas perspectivas. Deixamos de estar vinculados a somente ou principalmente a uma cultura, história, tradição, religião, utopia.

¹⁴ Lídia Oliveira Silva (2001) conceitua a *internet* como um novo espaço público, fórum híbrido (técnico, social e cultural), em que o local (microcosmo) convive com o global em sua dinâmica social; o público com o privado; a pertença com o desenraizamento, o ser produtor com o consumidor de conhecimentos; espaço com o tempo, enquanto frutos de construções sociais partilhadas; informação com contexto de interação/comunicacional. Nessa linha de pensamento, a *internet* é enfatizada pela autora como o único serviço de telecomunicações que promoveu o estatuto de comunidade para seus utilizadores, mais conhecidos como internautas.

¹⁵ Em 1922, Robert Park desenvolveu um estudo no qual identificou a existência de um processo de seleção feito por editores de jornais que ignoravam certas informações em detrimento de outras. Entretanto, o pesquisador não utilizou a expressão *gatekeeping* para tal processo (SÁES NETO, 2016).

¹⁶ Alternativa ao modelo de *gatekeeping* que se baseia no compartilhamento virtual de conhecimentos e debates acerca de questões não abordadas pelas mídias convencionais (BRUNS, 2008, pág. 5 apud SÁES NETO, 2016).

Para os nativos digitais¹⁷, ser é, antes de mais nada comunicar. Nas relações interativas possibilitadas pela navegação na *internet (surfing)*, que permite escolher o itinerário da informação, possibilitado conexão com diferentes redes de interesse, também ocorrem mudanças cognitivas. As novas gerações convivem com outras experiências midiáticas e perceptivas, por meio de narrativas transmídias, marcadas pela construção colaborativa de conteúdos, inclusive jornalísticos, divulgados pelos mais diversos meios de comunicação, até mesmo, em espaços que os ultrapassam. Velasco chega a pensar na *internet* como uma comunidade educativa, reconhecendo as mudanças que essa tecnologia tem produzido nos ambientes formativos.

Gutiérrez (in MELO et al., 2006) destaca a relação não discursiva estabelecida entre os objetos informáticos e os seres humanos, de ordem intuitiva, emocional e sensorial. No enlace corpo-tecnologia, o autor dialoga com Bateson ao destacar (págs. 138-139): Ao inserir as tecnologias no contexto da aprendizagem, potencializamos seu uso, nas palavras de Gutiérrez, para quem nossa principal tecnologia é a pedagogia. Almeida, Nascimento e Xavier (2015) apresentam o conceito de “sociedade aprendente”, de acordo com Assmann (2001), para quem as novas tecnologias, como elementos capazes de tecer os fios de uma imensa rede de ecologias cognitivas, perpassa pelo ciberespaço, ambiente plural, no qual as múltiplas escritas, com destaque para o hipertexto¹⁸, convivem e intermedeiam saberes possíveis, em sua transversalidade.

Los sistemas de percepción, la sensibilidad visual, el arte de mirar, la velocidad para decodificar se mejoran, modifican, desarrollan y pluralizan y aceleran cuando se relacionan con nuevas formas, experimentadas de

¹⁷ O termo foi cunhado por Prensky, referindo-se aos nascidos a partir de 1991, que integram ferramentas telemáticas e eletrônicas as suas vidas sem mesmo raciocinar sobre seu modo de funcionamento (BARROSO; INGARZA apud VELASCO in APARICI, 2014).

¹⁸ Segundo Xavier e Nascimento (2008), o prefixo grego *hiper* remete à superação das limitações da linearidade textual, representando uma teia não linear que suscita múltiplas possibilidades de interação, sendo “um conjunto de nós de significações interligados por conexões entre palavras, páginas, fotografias, imagens, gráficos, sequências sonoras etc.” (NOJOSA, 2007, pág.74). É, justamente, pensando na característica de convergência de linguagens do hipertexto que os autores conceituam a hiperímídia, voltada para as produções midiáticas no ciberespaço, com alternativas de cruzamento e interseção de diferentes linguagens, o que enfatiza a sua natureza hipermodal. Lembrando o pai do hipertexto, Ted Nelson, Ferrari (2009 apud XAVIER e NASCIMENTO, s.d.) conceitua o termo como uma espécie de “texto elástico” (*stretch text*) como aquele que se expande e se contrai conforme as solicitações do leitor, fazendo com que o internauta assuma o comando de ação, como se estivesse em uma grande biblioteca digital.

distinta maneira por cada sujeito que se sumerge em la web em busca de interconexiones inexploradas¹⁹.

4.1 Plano de Trabalho

O trabalho de campo será desenvolvido por etapas, ao longo de três meses, através de encontros semanais (nos dois primeiros períodos) e quinzenais (no último mês). A meta é compor um grupo, com cerca de 12 colaboradores, representantes de espaços educacionais distintos (formais, não formais e informais), dentre educadores, comunicadores, lideranças comunitárias e militantes de grupos sócio-culturais historicamente excluídos, como integrantes do movimento feminista, negro e da comunidade LGBT+.

O desafio se delinea desde a composição dos princípios básicos do Jornalismo “Educolaborativo” à reflexão acerca do seu potencial transformador a partir da elaboração de conteúdos noticiosos de gêneros distintos, como grandes reportagens, perfis, artigos e charges, que dialoguem com a diversidade, de acordo com pautas sugeridas e desenvolvidas com e pelos próprios participantes. Os textos, posteriormente, poderão dar vida a outros produtos, a partir da decisão coletiva. Para tanto, nossos instrumentos estão direcionados pela aplicação de questionários, realização de entrevistas, oficinas formativas, observação participante e grupo focal.

O intuito é divulgar as produções no Portal da EduColaborAção, espaço virtual criado na Plataforma Wix especialmente para esta pesquisa, bem como compartilhar com a grande imprensa. O *site* também reunirá os principais dados relacionados aos temas do estudo, incluindo os produzidos durante as oficinas, bem como documento norteador, a fim de estabelecer princípios e práticas jornalísticas “educolaborativas” para consulta e inspiração de outros profissionais. A proposta culminará na formação de multiplicadores de conhecimento e colaboradores em potencial da produção de notícias nos ambientes formativos, verdadeiros polos da criticidade no contexto da diversidade.

Com o objetivo de visualizar melhor cada uma dessas etapas, segue o esboço abaixo:

1º - Aplicação dos questionários e análise dos dados obtidos;

¹⁹ Tradução: Os sistemas de percepção, a sensibilidade visual, a arte de olhar, a velocidade para decodificar se melhoram, modificam, desenvolvem, pluralizam e aceleram quando se relacionam com novas formas, experimentadas de distintas maneiras por cada sujeito que está imerso na *web* em busca de interconexões inexploradas.

- 2º - Realização de entrevistas e análise dos dados obtidos;
 - 3º - Realização das oficinas (curso de extensão), elaboração dos conteúdos noticiosos e documento norteador (com análise de dados no decorrer do processo) + grupo focal para avaliação do fenômeno e combinação dos próximos passos, como estratégias de compartilhamento dos conteúdos (suporte/produto);
 - 4º - Codificação e análise dos dados pós-formação para pré-conclusão do texto da dissertação e do *site*;
 - 5º - Socialização do Portal, contendo todo o material desenvolvido, autorização do uso das informações prestadas, já encaixadas na dissertação, e discussão dos próximos passos (elaboração de produto)
 - 6º - Finalização do texto da dissertação/produto e defesa.
-

4.1.1 Pré-esboço do Portal

A IDEIA

- Apresentação
- Passo a Passo da Pesquisa
- Os Conceitos (Breve Resumo em Tópicos)
- Biblioteca (Indicações de Leituras Diversas)
- QUEM SOMOS (miniperfil dos integrantes do grupo)
- BASTIDORES (relatos, fotos & vídeos da experiência)
- MULTIMÍDIA (reportagens e demais conteúdos elaborados)
- DESDOBRAMENTOS (destaque para o *clipping* de notícias/ repercussão da experiência)
- CONTATO (com texto-convite para outros possíveis colaboradores)

Considerações Finais

Não temos dúvidas de que os novos meios de informação e comunicação reduziram distâncias e aproximaram pessoas. Nesse contexto, a própria prática jornalística vem sendo ressignificada. De consumidores passivos a participantes ativos, os *producers* se tornaram colaboradores dos jornalistas no processo de construção da notícia.

É nessa linha de pensamento que se propõe esta pesquisa: considerar o educador-comunicador não como o único a produzir conteúdo noticioso, mas o profissional mais preparado para gerenciá-lo, capacitado para identificar demandas de interesse público (bem

comum) e transformá-las em informações para serem compartilhadas através de canais diversos, especialmente, pela rede mundial de computadores “www”, ampliando experiências e formas de expressão.

Por isso a ousadia em criar o neologismo Jornalismo “Educolaborativo” para orientar o título da pesquisa que aqui se apresenta. No encontro entre os princípios colaborativos da práxis ciberjornalística e do campo inovador da Educomunicação, pretende-se ressignificar a maneira de conduzir a elaboração de notícias com a participação ativa de educadores e educandos, desde a sugestão de pautas até a sua divulgação, tornando-os multiplicadores de conhecimento para os demais membros das próprias comunidades.

Referências

- ALMEIDA, Maria de Fátima; NASCIMENTO, Robéria Nádia ARAÚJO; Xavier, Manassés Morais. Práticas de (In)Formação numa Plataforma de Blog: Leituras e Escritas Políticas em (Con)Textos do Ensino Médio. **Linha D'Água (Online)**, São Paulo, v. 28, nº. 1, págs. 83-103, jun. 2015.
- ANDRIJIC, Nathalia Santos. Presente Compartilhado: a fotografia nas redes sociais como forma de comunicação e socialização atendendo a necessidades. **Revista Anagrama/ Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, Ano 6 - Edição 4, Junho - Agosto de 2013.
- APARICI, Roberto. **Educomunicação: para além do 2.0**. Tradução: Luciano Menezes Reis. São Paulo: Paulina, 2014. Coleção Educomunicação.
- BATISTA, Roseli Araújo. **Mídia & Educação - Teorias do jornalismo em sala de aula**. Brasília: Thesaurus, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. 5 ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina Zamith. **Comunicação e educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001.
- CALDAS, Graça; CAMARGO, Vera Regina Toledo. Mídia na escola e a leitura do mundo: a educomunicação como incentivadora de novos conhecimentos. **ComCiência**, nº.154, Campinas, dez. 2013.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Castilho (Org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

KAPLÚN, Mario. **Uma Pedagogía de La Comunicación**. Madrid: Ediciones de La Torre, 1998.

LEMOS, André e PALÁCIOS, Marcos (Org.). **As janelas do ciberespaço**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A Comunicação na Educação**. Tradução: Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

MELO, José Marques; FERRARI, Maria Aparecida; SANTOS NETO, Elydio dos; GOBBI, Maria Cristina (Org.). **Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún**. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

SÁES NETO, Saulo de Assis. **Limites e aplicabilidade do conceito de *gatematching* na produção de conteúdo em meio digital: novo modelo de comunicação ou hiper-realidade?** Artigo apresentado no Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - Salto - SP - 17 a 19/06/2016.

SAAR, Cláudia Maria A.de Assis; VOLTOLINI, Ana Graciela M. F. da Fonseca. Repensando as áreas do Jornalismo e Educação a partir das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. In: **Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva**, volume 2, número 1, ano 2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação - contribuições para a reforma do ensino médio**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Sociedade da Informação ou da Comunicação?** São Paulo: Cidade Nova, 1996.

SOARES, Raquel Paiva de Araújo. **As Minorias nas Narrativas da Mídia**. Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação e Cultura das Minorias, do XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 2 a 6 de setembro de 2003.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 5 ed. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

XAVIER, Manassés Moraes; NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo. **Jornalismo digital na escola: narrativas de uma prática educomunicativa**. (2008). Disponível em www.bocc.ubi.pt. Acesso em 9 fev. 2017. Trabalho de conclusão de curso apresentado na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

_____. **Construindo Novos Saberes Para Uma (In)Formação Transdisciplinar: Relato de uma Experiência Educomunicativa (s.d.)**. Disponível em www.bocc.ubi.pt. Acesso em 28 jan. 2017.